

O DILEMA DA PRIMEIRA JOVEM ADVOGADA EM UMA FAMÍLIA AFROBRASILEIRA

Palavras-chave: juventude negra, afro empreendedores, mulher negra, mercado de trabalho.

Trago um relato em primeira pessoa, na intenção de contribuir para a compreensão dos dilemas da juventude negra. Primeiramente, preciso fazer a minha qualificação como autora. Entendo-me como uma mulher negra de pele clara, periférica e parafraseando Sueli Carneiro “tenho uma alma quilombola e insurgente.”(CARNEIRO, 2023)

Posso começar falando um pouco sobre a minha chegada a este mundo, meus pais fazem parte de uma população cabocla; com uma miscigenação de descendentes de africanos escravizados, indígenas e imigrantes europeus. Meu pai era mestre de capoeira, e minha mãe era uma jovem que frequentava suas aulas no tempo livre que lhe restava; pois era empregada doméstica e naquela época – o trabalho exigia o pernoite na casa dos patrões.

É importante informar-te caro leitor ou cara leitora, que meus pais não tiveram oportunidade de completar o ensino fundamental, pois, ao longo da vida eles empreenderam como donos de lanchonete. Antes de conhecer minha mãe, meu pai teve 3 filhos e com ela teve mais 4 filhos, portanto, somos em 7 irmãos. Imagine a demanda na criação de 7 crianças, em um cenário de escassez e luta permanente pela sobrevivência.

A ancestralidade africana sempre foi evocada pelo meu pai, pelo conhecimento que ele adquiriu como mestre de capoeira; porém, eu não tive uma vivência afrocentrada. Como microempreendedores, os filhos sempre colaboravam, seja na limpeza ou no atendimento dos pequenos negócios do meu pai. Foi essa veia empreendedora que nos afastou da miséria, e sempre colocou nos meus pensamentos um censo de urgência na possibilidade de ascensão social.

Eu cresci em bairros periféricos, e quando meus pais conseguiram realizar o sonho da casa própria, passamos a residir em um bairro conhecido como “Sem Terra” – pois, foi uma ocupação popular que consolidou a posse dos trabalhadores na cidade de Rio das Pedras, interior de São Paulo.

Com a regularização e a distribuição dos títulos pela prefeitura, o bairro recebeu o nome de Vitório Cezarino. Tais informações podem ser devidamente verificadas com uma breve pesquisa no site oficial da prefeitura de Rio das Pedras/SP

(<https://riodaspedras.portaldacidade.com/noticias/cidade/bairro-vitorio-cezarino-o-seu-terro-inaugura-campo-de-areia-1950>).

Por fim, pude concluir o ensino médio, trabalhando durante o dia e estudando à noite. Acabei conseguindo uma bolsa de estudo integral, em uma cidade próxima – no curso de direito. Foram muitos desafios e muita vontade de desistir – mas, tive o apoio da minha família e contei com a ajuda de amigos para concluir o curso. No último ano da graduação, completei 22 anos e passei em um concurso público de nível médio.

É muito importante destacar que a minha juventude foi marcada por muitas inseguranças, encontrei um pertencimento na religiosidade evangélica, porém, o sentimento de opressão era latente ao contexto que eu vivia. Eu tinha muito medo das ruas, da violência e da vulnerabilidade que me cercava.

Eu realmente me emancipei aos 23 anos, quando saí da casa do meu pai e comecei a conciliar rendas extras com o meu trabalho da Prefeitura de Capivari-SP.

Eu sempre tive a vontade de exercer advocacia, mas em um contexto de pandemia só consegui fazer a prova em 2021 e comecei a advogar em 2022. Logo em 2023, tornei-me voluntária na UNEGRO de Capivari. A partir deste momento, tive um engajamento na luta antirracista e passei a estudar sobre questões de gênero e raça. Então, considero-me empreendedora desde 2022 aos 26 anos de idade; quando assumi minha primeira causa como advogada.

Em 2026 completei 30 anos, e fui me despedindo da minha juventude – com muita gratidão e reconhecendo os privilégios que tive. O engajamento com o movimento negro local, com toda certeza, contribuiu para minha individualidade, crescimento pessoal e para a construção de um senso de comunidade que eu nunca tive – pois, ele havia sido anulado pela lógica da sobrevivência. Um detalhe caro leitor ou leitora, comecei a trabalhar fora de casa aos 14 anos; como auxiliar de costura e depois como costureira, até passar no concurso público de Agente Administrativo em 2018; sempre fazendo renda extra como caixa de supermercado.

Sim, com um diploma de Bacharel em Direito – eu trabalhava na prefeitura da minha cidade como Agente Administrativo e fazia renda extra como caixa de supermercado nos finais de semana e feriados. Imaginem a frustração dessa jovem de 23 anos, a vergonha e a culpa - além da sensação de fracasso em não poder exercer a advocacia, pois, eu ainda não tinha feito a prova da OAB e muito menos tinha conseguido um emprego na área.

Mas muitos jovens graduados não conseguem entrar no mercado de trabalho na sua área de atuação. A Associação Brasileira De Estudos do Trabalho (ABET); divulgou uma pesquisa apontando as lacunas entre o ensino superior e o mercado, trazendo um dado surpreendente: a maioria dos formados acaba ocupando vagas de nível médio. Consequentemente apenas um em cada 10 graduados consegue o êxito de um emprego na sua área de atuação(<https://abet-trabalho.org.br/pesquisa-aponta-lacunas-entre-ensino-superior-e-mercado-de-trabalho/>).

No curso de direito, essa pesquisa apontou que somente 9% dos graduados conseguem um cargo correspondente à sua formação. Portanto, continuo perseverando, atuando como advogada autônoma – conciliando com o cargo efetivo de nível médio, em uma prefeitura do interior de São Paulo.

Desde 2023, estou contribuindo com o movimento negro local; seja nas rodas de conversa, nos eventos, nas palestras para os jovens e na colaboração das oficinas de currículos e projetos culturais. Integrando uma equipe formada por afro empreendedores natos, com os quais aprendo todos os dias.

Hoje, penso na minha trajetória como ascendente, pois fui a primeira advogada da minha família e meus avós foram trabalhadores analfabetos. A História da minha família é potente, e repleta de afro empreendedores.

Quando afirmo o meu potencial como pessoa, não posso deixar de citar Barbara Carine: “Há vida na academia e fora dela. A vida não é segmentada, não é parcial. A vida é múltipla e belíssima!” – portanto, destaco as vivências enriquecedoras que tive, sem a carência de imaginar outra vida, outras oportunidades e acessos.(PINHEIRO, 2025)

Referências:

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. E Eu, Não Sou Uma Intelectual? 1ª Edição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de Racialidade: A Construção do Outro Como Não Ser Como fundamento do Ser. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.